

ABORDAGEM ACERCA DA CRÍTICA PÓS-COLONISLISTA

Cleonice Schlieck*

Antonio Carlos Santana de Souza**

RESUMO: Neste trabalho abordaremos a teoria da Crítica Pós-Colonialista observando que a compreensão do conceito e da importância da mesma está diretamente ligada aos conceitos de identidade cultural e da diáspora. Observa-se, ainda, que a base de todo sistema capitalista é a exploração: o descobrimento do ouro na América, o saque nas Índias Orientais, as Cruzadas, o aprisionamento de negros africanos, etc.. Esses fatos caracterizam também a base sobre a qual o sistema colonial alicerçou-se e se fundamentou em toda a sua extensão. Investigaremos melhor a questão estudando as relações de domínio e subordinação entre o colonizador e o colonizado com base na exploração cultural dos povos dominados. A criouliização, a transculturação e a aculturação foram algumas conseqüências desse processo que, dada a evolução temporal, é irreversível.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, Crítica Pós-Colonialista, Estudos Culturais.

ABSTRACT: *In this work we will approach the theory of the Post-Colonialist Criticism observing that the understanding of the concept and the importance of the same one is directly on to the concepts of cultural identity and the diáspora. It is observed, still, that the base of all capitalist system is the exploration: the discovery of the gold in America, the booty in the Eastern indians, the Cruzades, the capture of African blacks, etc. These facts also characterize the base on which the colonial system was alicerçou and if it based on all its extension. We will investigate the question better studying the relations of domain and subordination between the colonizador and colonized on the basis of the cultural exploration of the dominated peoples. The criouliização, the transculturação and the aculturação had been some consequences of this process that, given the secular evolution, is irreversible.*

KEY-WORDS: *Literature, post-Colonialism Criticism, Cultural Studies.*

Intrdução

Para compreendermos a Crítica Pós-Colonialista devemos observar também que a mesma engloba o entendimento da definição de cultura, identidade e diáspora. A compreensão do conceito de crítica pós-colonialista engloba também o entendimento do que é cultura, identidade cultural e diáspora. O primeiro termo abrange o conjunto de valores, símbolos e práticas de uma comunidade, os quais são transmitidos de uma geração à outra e apreendidos e preservados no convívio social. O indivíduo apreende essas características ao longo de sua existência e as transmite aos seus descendentes – é o que se denomina identidade cultural.

No entanto, a pobreza, o subdesenvolvimento e a falta de oportunidades são os principais elementos responsáveis pela diáspora, isto é, pela dispersão de povos perseguidos por outros grupos, aqui especificamente, a diáspora negra, responsável pela emigração de povos africanos para diversos países e colônias dos continentes europeu e americano, durante

o período em que a exploração da mão-de-obra escrava era tida como necessária para a sustentação econômica das metrópoles.

01. Abordagem da Crítica Pós-Colonialista

MEMMI (1977) reflete acerca do colonialismo partindo do princípio de que a declaração de independência de um país não significa o fim do processo colonial, pois, em termos políticos e sociais as mudanças não ocorrem a curto prazo e as condições que sustentavam o antigo sistema ainda servirão de esteio para as relações sociais, políticas e econômicas do novo país, assim como serão mantidos os estereótipos, os mitos e todos os elementos da vida cotidiana. Na visão do autor, colonizador e colonizado se opõe porque representam religiões, raças, línguas, culturas e civilizações diferentes, em diferentes estágios de desenvolvimento e, principalmente, porque representam interesses antagônicos.

De um lado está o colonizador, o qual, expatriado por vontade própria ou por falta de opção, buscará na colônia o exercício de uma atividade bastante lucrativa e, paralelamente, colocar-se-á como representante de uma economia e cultura superiores. O sistema colonial em, si, necessita da figura desse colonizador cultural e belicamente superior, pois, do contrário, o sistema fracassaria uma vez que o colonizado não teria motivos para se sujeitar. Por sua vez, mesmo o colonizador que não se identifica como tal, não se identificará também com o colonizado e, em troca dos benefícios que a metrópole poderá lhe oferecer, inserir-se-á no sistema, subjugando o colonizado e colocando-se como modelo cultural e econômico. O sistema é fechado porque

As relações coloniais não dependem da boa vontade ou do gesto individual; existiam antes de sua chegada ou de seu nascimento, quer as aceite ou as recuse não as modificará profundamente; são elas, ao contrário, que, como toda instituição, determinam *a priori* seu lugar e o do colonizado e, em definitivo, suas verdadeiras relações. (MEMMI, 1977, p. 47)

Há duas maneiras, de acordo com MEMMI (1977), de transformar a usurpação do colonizador em uma ação legítima do processo colonial: demonstrando os “méritos eminentes do usurpador, tão eminentes que clamam por semelhante recompensa” (p. 57) ou insistindo na inferioridade cultural e social do colonizado. Apesar de parecerem duas alternativas opostas, elas são, na verdade, complementares uma à outra, pois quanto mais o colonizado é usurpado

e inferiorizado mais o colonizador eleva-se em sua cultura, em sua superioridade e na adoção de estratégias que mantenham tal relação.

A longo prazo, o colonizador falsifica a história, apaga as memórias, usa a força e tentará chegar ao extremo de destruir completamente o colonizado, tentando suprimi-lo moral e fisicamente. Esta última ação, porém, não é possível, pois isso implicará na perda de todos os benefícios de que goza, uma vez que seu senhorio existe apenas diante do colonizado, não existindo o sistema colonial, na metrópole ele será apenas mais um, igual a todos os outros.

O racismo encaixa-se nesse contexto como a peça fundamental que transforma o colonizador (e tudo o que ele representa) em um ser superior diante do colonizado e, simultaneamente, como privilegiado diante de seus compatriotas. Para MEMMI (1977), o racismo é a mais sólida ferramenta da estrutura colonial e tem como objetivo principal justificar e manter a figura do colonizador e a estrutura de todo o sistema colonial:

Conjunto de condutas, de reflexos adquiridos, exercidos desde a primeira infância, valorizado pela educação, o racismo colonial está tão espontaneamente incorporado aos gestos, às palavras, mesmo as mais banais, que parece constituir uma das mais sólidas estruturas da personalidade colonialista. A frequência de sua intervenção, sua intensidade nas relações coloniais seria, no entanto, estarrecedora, se não soubéssemos até que ponto ajuda o colonialista a viver e permite sua integração social. Um esforço constante do colonialista consiste em explicar, justificar e manter, tanto pela palavra quanto pela conduta, o lugar e o destino do colonizado, seu parceiro no drama colonial. Quer dizer, em definitivo, em explicar, justificar e manter o sistema colonial e, portanto, seu próprio lugar. Ora, a análise da atitude racista revela três elementos importantes:

1º Descobrir e pôr em evidência as diferenças entre colonizador e colonizado.

2º Valorizar essas diferenças, em proveito do colonizador e em detrimento do colonizado.

3º Levar essas diferenças ao absoluto, afirmando que são definitivas, e agir a fim de que se tornem tais. (MEMMI, 1977, p. 69)

O racismo do colonizador transforma-se em um álibi que o justifica em todas as suas ações na colônia. Nesse olhar a preguiça e a debilidade mental do colono são os principais traços do colonizado, sendo estas acusações unânimes e globais das quais colonizado algum poderá escapar, uma vez que, partindo do princípio de que “não se pode dar pérolas aos porcos”, considerar o colonizado como cidadão e respeitá-lo como tal passaria a ser loucura no contexto de debilidade em que ele se encontra. Por outro lado, esse mesmo estado de inaptidão mental justificaria a proteção do colonizador. Cabe aqui uma incoerência, entre

tantas outras que o sistema permite apontar: como alguém que presta um péssimo serviço, é preguiçoso e inapto, pode ser obrigado [por meio de armas] ao trabalho do qual é incapaz?

BONNICI (2005), para abordar a teoria e a crítica pós-colonialistas, retoma primeiro a relação entre o discurso e o poder e retorna ao conceito de Foucault para reafirmar que o discurso, em qualquer nível de expressão, está “amarrado” pelo “período histórico em que foi produzido”.

Referindo-se ao Colonialismo, em síntese, o autor lembra que o negro não tinha acesso à cultura de seu dominante tampouco podia expressar-se em sua própria cultura, perdendo assim sua característica de sujeito e transformando-se em objeto. O mesmo, segundo o autor, pode-se afirmar em relação aos descendentes afro-brasileiros, aos agricultores sem-terras, aos operários excluídos, às mulheres, aos homossexuais, etc.

Ao fazer o mapeamento geral das bases do Brasil-Colônia, BOSI (1992) considera que (I) a camada latifundiária estava diretamente ligada aos grupos mercantis europeus e aos traficantes de escravos africanos, (II) o trabalho foi basicamente realizado por escravos, (III) a estrutura política e clero apoiavam integralmente os colonizadores, (IV) o exercício da cidadania também era limitado aos latifundiários, (V) a produção popular foi produzida apenas em “espaços ilhados” sob as rubricas de serem “arcaizantes ou rústicos” ou apenas de forma tardia, como é o caso do romance cordel. Destacamos, nesse contexto, as alternativas que o autor encontra para o escravo:

A alternativa para o escravo não era, em princípio, a passagem para um regime assalariado, mas a fuga para os quilombos. Lei, trabalho e opressão são correlatos sob o escravismo colonial. Nos casos de alforria, que se tornam menos raros a partir do apogeu das minas, a alternativa para o escravo passou a ser ou a mera vida de subsistência como posseiros em sítios marginais, ou a condição subalterna de agregado que subsistiu ainda depois da abolição do cativo. De qualquer modo, ser negro livre era sinônimo de dependência. (BOSI, 1992, p. 24)

A relação do colonizado com o colonizador terá como consequência a destruição de seu caráter humano e abolirá, por consequência e por completo, o seu poder de decisão e ação. Sua anulação enquanto homem, não por sua vontade, mas como consequência da ação colonial, o transformará em escravo. A possibilidade de reação é praticamente impossível:

Para um colonizador morto, centenas, milhares de colonizados são, ou serão exterminados. A experiência foi bastante repetida – talvez provocada – para

ter convencido o colonizado da inevitável e terrível sansão. Tudo foi empregado a fim de nele destruir a coragem de morrer e de enfrentar a visão do sangue. (MEMMI, 1977, p. 88)

Para não vê ver destruído por completo, o colonizado aceita a cultura do dominante e tenta ser igual a ele. O escritor colonizado, por exemplo, aprende a técnica da metrópole e reproduz seus versos nos moldes metropolitanos. Às escondidas, porém, o escravo mantém suas danças e sua literatura oral, como um momento de oásis que lhe permitirá permanecer vivo.

Em um primeiro momento, o colonizado anula-se em busca da própria sobrevivência, porém, ao aprender a língua do colonizador utiliza-a para reivindicar seus direitos e demonstrar a retomada da consciência; o objetivo maior, neste momento, é a “libertação e a restauração de sua língua”. Às reivindicações, ainda tímidas do colonizado, o colonizador responde que ao chegar na colônia já havia sinais de miséria, privação, degradação e falta de desenvolvimento tecnológico. Nas palavras de MEMMI (1977), embora já tenha encontrado os sinais de miséria, perpetuá-los e usá-los em seu próprio benefício não faz do colonizador um homem melhor do que se ele próprio os tivesse criado. Duas são, portanto, as reações do colonizado: “o colonizado tenta ou tornar-se outro, ou reconquistar todas as suas dimensões, das quais foi amputado pela colonização”. (p. 106)

A primeira opção é anular-se por completo, recusar-se a si mesmo e a tudo o que acredita ou representa, internalizar-se como inferior e “inexistente”, reconhecendo no colonizador o modelo ideal e perfeito com o qual deve assemelhar-se para ter valor e alguma credibilidade. O desejo de igualar-se refere-se tanto aos moldes culturais como aos financeiros, pois, em muitos casos, o colonizado tentará obter também riqueza para ser valorizado pelo colonizador. No contexto colonial, porém, por mais posses que o colonizado pudesse ter, por mais valores culturais que pudesse ter internalizado, e mesmo que ultrapassasse os bens do colonizador, diante deste o colonizado ainda seria o Outro Menosprezado e Inferior. Resta, portanto, a segunda opção: a revolta contra e a recusa do colonizador, mesmo que este detenha o poder e os meios para inibir qualquer possibilidade de reação.

É a partir desse momento que colonizador e colonizado representarão, abertamente, grupos antagônicos em que um recusa o outro, em que o outro será sempre o Outro a ser combatido. No caso do colonizado, essa negação do colonizador é marcada por ressentimentos e só não é maior porque este já carrega psicologicamente as marcas da recusa

sofrida. Este é, no entanto, o início da recuperação do colonizado por si mesmo, por meio do uso da própria língua, da auto-afirmação de si e de seu povo, da valorização de seu passado, refazendo sua unidade e suas tradições culturais, enfrentando o colonizador e, dentro do possível, derrotando-o ou sabotando-o. Ao mito da inferioridade extrema sofrida contrapõe outro de excessiva superioridade, no qual até mesmo o imoral, o desordenado e o erro são vistos de forma supervalorizada.

A partir do momento em que consegue se expressar, o colonizado tende a questionar todos os mecanismos que foram utilizados para subjugar-lo. Em termos de literatura, o autor afirma que é necessária, para o desenvolvimento de literaturas pós-coloniais, a progressão sobre a conscientização do nacional e a distinção da produção literária nacional em relação ao centro europeu. Do mesmo modo, não se pode querer observar a literatura pós-colonial sob o olhar do centro europeu.

MEMMI (1977) considera que o colonialismo é um sistema fechado formado por dois grupos antagônicos, do qual o colonizador sairá transformado em opressor preocupado apenas em ganhar e manter seus privilégios e com sua defesa a qualquer preço. O colonizado será transformado em oprimido, alienado, usurpado. As reflexões do autor consideram ainda que “a cura completa do colonizado, exige que termine totalmente sua alienação; é preciso esperar o desaparecimento completo da colonização, isto é, o período de revolta inclusive” (p. 120). Nesse contexto, as conseqüências do colonialismo ainda se fazem presentes nas ex-colônias e o resgate da cultura do colonizado ainda é um processo em andamento, com o qual toda a sociedade ainda pode contribuir.

FANON (1979), por sua vez, estabeleceu três fases para a ocupação colonial: a fase da “assimilação”, a “fase cultural nacionalista” e a fase “revolucionária”. O autor não se limita a questionar a metrópole europeia, acusa-a de massacrar e asfixiar a “quase totalidade da humanidade” em nome de seus interesses “espirituais” e adota contra ela a violência como revolução. No prefácio que faz a essa obra, Sartre afirma que “nenhuma suavidade apagará as marcas a violência; só a violência é que pode destruí-las” (1979, p. 14) a ideologia posta pelo europeu como requintada é agora desmascarada e mostrada como mentirosa e agressiva.. referindo-se simultaneamente ao passado e ao presente, afirma que cada um de nós, ao lucrar com a exploração colonial torna-se cúmplice desse sistema narcisista.

O autor analisa o processo de colonização partindo do princípio de que a “classe dirigente” é a que vem de fora, tendo o poder de expulsar o colonizado de sua terra sem que ninguém possa se opor ao colono até o momento em que o colonizado se dá conta de que suas condições vitais (coração, etc.) são iguais as do colonizador. Essa observação permitirá a

mudança de valores, no entanto, o colonizado permanece imobilizado pelo sistema colonial e assim permanecerá enquanto o colonizador constituir o escrivão da história.

O discurso aqui se aproxima ao de MEMMI (1977), pois ambos os autores consideram o colonizador como responsável por transformar a colônia em um prolongamento da metrópole, saqueando a região, explorando o território e os povos autóctones e transformando o lugar em lugar de fome e de violência contra o oprimido. FANON (1979) considera que a imobilidade em que o colonizado se encontra terá fim apenas no momento em que ele se dispuser a criar a história da própria nação e, principalmente, da descolonização.

Ao considerar a independência de antigas colônias, FANON (1979) observa que o ato permite ao colonizado uma reparação moral de sua dignidade, porém não lhe oferece a possibilidade do exercício real da cidadania ou da afirmação de seus valores, uma vez que continuarão acreditando e esperando pela solução que vem de fora enquanto os dirigentes [que também são frutos da colonização] permanecem neutralizados.

Por outro lado, aqueles que se desagradavam do sistema colonial convidavam o povo a lutar contra a opressão; hoje o convidam a lutar contra a miséria e é isso que algumas minorias, em termos internacionais, têm feito, como é o caso de grupos extremistas negros dos Estados Unidos que formam milícias e se armam em prol da libertação integral de seu território.

Não se pode esperar a volta do colonizado à cultura anterior à chegada do colonizador em sua forma pura, afinal o processo de aculturação e transculturação continuam sendo decisivos ainda no momento atual, sendo este marcado pela globalização.

A crioulização, a transculturação, a aculturação, a evolução temporal, a globalização e todos os outros elementos sociais e políticos não permitem “voltar no tempo” para reencontrarmos uma África de antes. HALL (2003) afirma que é necessário conhecer e produzir a África de hoje, a África marcada pelos movimentos de independência na qual encontraremos uma luta cultural, de revisão e reapropriação. Trata-se de ressignificar a África, não como o lugar de onde os escravos eram seqüestrados ou como um continente de pobreza cujo povo tem sobrevivido sofredamente às adversidades da vida moderna, mas sim em torno da reflexão do que a África “poderia significar para nós hoje, depois da diáspora”:

A África passa bem, obrigado, na diáspora. Mas não é nem a África daqueles territórios agora ignorados pelo cartógrafo pós-colonial, de onde os escravos eram seqüestrados e transportados, nem a África de hoje, que é pelo menos quatro ou cinco “continentes” diferentes embrulhados num só, suas formas de subsistência destruídas, seus povos estruturalmente ajustados

a uma pobreza moderna devastadora. A “África” que vai bem nessa parte do mundo é aquilo que a África se tornou no novo mundo, no turbilhão violento do sincretismo colonial, reforjada na fornalha do turbilhão colonial. Igualmente significativa, então, é a forma como essa “África” fornece recursos de sobrevivência hoje, histórias alternativas àquelas impostas pelo domínio colonial e as matérias-primas para retrabalhá-las de formas e padrões culturais novos e distintos”. (HALL, 2003, p. 40).

O historiador CHIAVENATO (1999), afirma que no período que compreende a escravidão no Brasil, diante de sua condição de escravo e da opressão sofrida, a reação apresentada pelos escravos foi o suicídio, o assassinato dos membros da casa grande e dos feitores, a destruição das fazendas e dos engenhos por meio do uso de fogo, a fuga individual para os quilombos, a sabotagem do próprio trabalho e as fugas coletivas.

No ano de 1922, apesar de decorridos vinte e seis anos de República e vinte e sete da assinatura da Lei Áurea, os capitães dos navios da Marinha de Guerra do Brasil, de acordo com MAESTRI (2000), tinham autorização para decidir o número de chibatadas com as quais os marinheiros seriam punidos. Se o marinheiro fosse resistente e resistisse às chicotadas estabelecidas, o capitão poderia autorizar a continuação dos castigos físicos até que o marinheiro sucumbisse. A Revolta da Chibata tinha como objetivo principal o fim dos castigos físicos da Marinha de Guerra do Brasil. Não se tratava de uma luta nova, apenas da reivindicação de um direito assinado no segundo dia da República. Outro detalhe a ser observado aqui é o fato de que, nesse período, a maioria dos marinheiros eram mulatos ou negros e esse foi um exemplo de reação que o oprimido apresentou à história.

Em conjunto, esses dois autores evidenciam que o colonizado, apesar da forte opressão sofrida e da consciência que o sistema imperial era internacionalmente organizado, procurou combater seu opressor lutando abertamente contra ele, aceitando a ajuda externa e, às escondidas, mantendo alguns elementos e rituais de sua própria cultura, como é o caso da capoeira, por exemplo.

Nessa perspectiva, a produção popular revela, em toda a sua extensão (os ritos, as músicas, as danças, etc.) a dualidade contraditória do sistema colonial: tanto a condição da opressão sofrida quanto as esperanças de libertação em relação ao futuro.

Considerando o binômio colonizador/colonizado, apesar de o prefixo sugerir a superação de uma idéia ou um fato já concluído, a crítica pós-colonialista tem como objetivo “descrever ou caracterizar a mudança nas relações globais, que marca a transição (necessariamente irregular) da era dos Impérios para o momento da pós-independência ou da pós-descolonização” (HALL, 2003, p. 107) levando em consideração que as sociedades pós-

coloniais apresentam diferentes estágios de desenvolvimento ou, como afirma FANON (1979), o negro africano não é igual ao negro americano.

Nesse sentido, o pós-colonial atua na perspectiva de refletir como essas sociedades se relacionam com as outras e com os seus próprios membros, reflexão esta baseada em valores descritivos e não avaliativos. Retomando o europeu, o centro metropolitano e o modo como as ações européias foram conduzidas durante o Imperialismo, o objetivo agora é focar o olhar sobre a periferia e sobre o impacto da colonização na vida do colonizado em busca da observação de quais estruturas coloniais foram combatidas e quais ainda permanecem moldando nossa sociedade. Sujeito e identidade são dois conceitos que serão abordados a partir dessa nova perspectiva, assumindo um novo discurso baseado no respeito à diferença e à cultura particular de cada povo colonizado.

Não se quer afirmar com isso que tudo permanece igual desde então – a colonização se repetindo até o fim dos tempos. Mas, sim, que a colonização reconfigurou o terreno de tal maneira que, desde então, a própria idéia de um mundo composto por identidades isoladas, por culturas e economias separadas e auto-suficientes tem tido que ceder a uma variedade de paradigmas destinados a captar essas formas distintas e afins de relacionamento, interconexão e descontinuidade. (...) é privilegiando essa dimensão ausente ou desvalorizada da narrativa oficial da “colonização” que o discurso “pós-colonial” se torna conceitualmente distinto. Embora as formas particulares de inscrição e sujeição da colonização tenham variado em muitos aspectos de uma parte a outra do globo, seus efeitos gerais também devem ser crua e decisivamente marcados teoricamente, junto com suas pluralidades e multiplicidades. (HALL, 2003, p. 117)

BOSI (1992), por sua vez, faz uma análise profunda da escravidão, apresenta dados e documentos, analisa discursos e textos e encerra seu trabalho observando a heterogeneidade cultural existente no Brasil em decorrência do contato de povos:

Se pelo termo cultura entendemos uma herança de valores e objetos compartilhada por um grupo humano relativamente coeso, poderíamos falar em uma cultura erudita brasileira, centralizada no sistema educacional (e principalmente nas universidades), e uma cultura popular, basicamente iletrada, que corresponde aos mores materiais e simbólicos do homem rústico, sertanejo ou interiorano, ou do homem pobre suburbano ainda não de todo assimilado pelas estruturas simbólicas da cidade moderna. (BOSI, 1992, p. 309)

Taxativamente, BERND (1994) afirma que enquanto a cultura negra não for reconhecida em sua totalidade, não estará encerrado o ciclo de colonização que sobre ela se instaurou. Assim, a crítica Pós-Colonialista, tende a questionar a diáspora e a permanência de características colonialistas nas sociedades ex-coloniais para que cada povo colonizado tenha o direito de se libertar por completo e de se auto-afirmar em sua própria cultura, em seus próprios valores.

Tratando o Terceiro Mundo como se esse fosse uma maré que ameaçasse submergir toda a Europa, não se logrará dividir as forças progressistas que pretendem conduzir a humanidade para a felicidade. O terceiro mundo não deseja organizar uma imensa cruzada da fome contra toda a Europa. O que ele espera daqueles que o mantiveram durante séculos na escravidão é que o ajudem a reabilitar o homem, a fazer triunfar o homem por toda a parte, de uma vez por todas. (FANON, 1979, p. 84)

O que a crítica Pós-Colonialista pretende é colaborar para essa reabilitação integral.

Considerações Finais

Se considerarmos cultura como o conjunto de manifestações de um grupo, poderemos então aceitar as manifestações culturais dos diversos grupos que ocupam a vasta extensão territorial do Brasil, apesar de serem diferentes das manifestações do grupo dominante, sem o acréscimo pejorativo dos adjetivos inferior ou superior. Especificamente à cultura de povos africanos, VALENTE (1987) afirma que diferença não é sinônimo de inferioridade, como continua sendo tratada a cultura afro-brasileira.

A crítica pós-colonialista, portanto, é a releitura e a reescritura das tradições marcadas pelo Colonialismo mudando-se o foco da cultura determinante para a cultura determinada, com o objetivo de conhecê-la e ressignificá-la. Não se trata mais de ler os textos por intermédio da ótica da cultura dominante, mas, sim, interpretando-a de acordo com a cultura do dominado.

No entanto, como já afirmou BONNICI (2000), os trabalhos acerca do pós-colonial na literatura brasileira ainda são poucos; os silêncios sobre o indígena, o escravo e a mulher ainda permanecem; a literatura brasileira foi produzida sob o crivo estético da ideologia dominante e, em termos acadêmicos, a principal contribuição pós-colonialista é deixar mais

patente a reação cultural que os povos oprimidos ofereceram durante o período da colonização.

Referência Bibliográficas

AFRÂNIO COUTINHO (dir.). **A literatura no Brasil**. 6ª. Ed. Revista e atualizada; São Paulo: Global, 2001.

BERND, Zilá. **Racismo e anti-racismo**. Coleção polêmica. 3ª. Ed. São Paulo: Moderna, 1994.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myrian Ávila, Eliane Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: ed. UGMG, 1998.

BONNICI, Thomas. **O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura**. Maringá: Eduem, 2000

BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.) **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 2ª. Ed. Ver e ampl. Maringá: Eduem, 2005.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. **História concisa da literatura brasileira**. 37ª. Ed.; São Paulo: Cultrix, 2000.

CANDIDO, Antonio. CASTELO, J. Aderaldo. **Presença da literatura brasileira**.

3ª. Ed.; vol. III, Modernismo, São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.

CHIAVENATO, Júlio José. **O negro no Brasil: da senzala à abolição**. Coleção Polêmica. São Paulo: Moderna, 1999.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Pref. Jean-Paul Sartre. Trad. José Laurêncio de Melo. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Org. Liv Sovik. Trad. Adelaide La Guardia Rezende. [et. al.] Belo Horizonte: ed. UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

MAESTRI, Mário. **Cisnes negros: uma história da revolta da chibata**. 1ª ed. Coleção Polêmica, São Paulo: Moderna, 2000

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Trad. Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

VALENTE, Ana Lúcia E. F. **Ser negro no Brasil hoje**. Coleção Polêmica, 10ª. Ed. São Paulo: Moderna, 1987.

* PG - UEMS

** UEMS/NEC